A CASA DE JOSÉ DE ALENCAR

Quando prefeito municipal de Fortaleza, o Sr. Alvaro Weyne adquiriu, por compra, a casa onde nasceu o grande escritor conterraneo José de Alencar, ainda hoje a expressão maxima de romancista na litteratura brasileira, incorporando-a no patrimonio do Museu Historico do Estado. Para effectuar a entrega da chave ao director do Museu, nosso distincto confrade e illustre historiador Dr. Eusebio de Sousa, convidou o INSTITUTO DO CEARÁ a dignificar o acto com uma sessão solemne, no sitio Alagadiço Novo, em Mecejana, na propria casa em que o immortal romancista abriu a primeira vez os olhos para a grandeza do seu destino. A sessão realizou-se na manhã do dia 19 de Abril, presidindo a ella o Des. Alvaro Gurgel de Alencar, vice-presidente do INSTITUTO, por se achar adoentado o presidente, Sr. Barão de Studart. O Des. Alvaro de Alencar iniciou os trabalhos com expressões eloquentes, apropriadas ao acto, dando em seguida a palavra ao nosso distincto consocio Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, a quem o INSTITUTO delegara poderes para representá-lo. Publicamos abaixo as orações de ambos.

* * *

DES. ALVARO DE ALENCAR

Sr. Dr. Governador do Estado.

Srs. Representantes do Exercito Nacional, do Poder Ecclesiastico e do Poder Judiciario.

Exmas. Senhoras.

Meus senhores.

No caracter de Vice-Presidente do Instituto do Ceará, venho abrir esta sessão e dirigir-vos a palavra, pois o benemerito Presidente do nosso sodali-

cio—o Dr. Barão de Studart—, encontrando-se adoentado, não podendo vir, declara por meu intermedio que associa-se á presente homenagem ao glorioso escriptor patricio.

Encontramo-nos no sitio Alagadiço Novo, na casa que pertenceu ao Senador Alencar, onde nasceu José de Alencar—o cantor de «Iracema»—, em 29 de Maio de 1829.

Esta casa, de aspecto vetusto, foi construida em 1806; é, como vemos, soffredora das injurias do tempo.

A próvida administração actual da Prefeitura Municipal, entregue ao benemerito cearense Alvaro Weyne, adquiriu este predio, como preito de admiração ao conterraneo, que salientou-se como romancista, dramaturgo, jornalista, parlamentar e jurisconsulto, desenvolvendo, no Paiz, actividade larga e multiforme.

Assim agindo, o modelar Prefeito Municipal desejou fôsse feita esta sessão, para entregar ao Archivo Publico e Museu Historico esta casa e as obras de sua conservação, por elle feitas.

Ficará esta casa de recordações, do passado, sob a direcção cuidadosa do Dr. Eusebio de Sousa, operoso e distincto funccionario a quem, por felicidade, está entregue a direcção do Archivo Publico e Museu do Ceará, departamentos estes, que, agora, honram o Estado, guardando cuidadosamente curiosidades, exemplares scientificos e artisticos.

Foi nesta casa que o Presidente da então Provincia—o Senador Alencar— por vezes funccionou, dando despachos e audiencias.

Por esse tempo, dizem os chronistas—que uma verdadeira romaria de politicos se fazia de Fortaleza ao Alagadiço Novo, em visita ao querido e sympathizado Presidente, Senador José Martiniano de Alencar.

E' justa e digna de applausos a homenagem de hoje, prestada nesta casa a essa esplendida figura intellectual, que era o romancista José de Alencar.

Assim se dignifica o povo cearense, avivando

a memoria dos porvindouros, mostrando-lhes o local, digno de veneração, em que veio ao mundo o seu grande compatricio.

Foi certamente José de Alencar uma intelligencia invulgar, genuinamente brasileira, uma figura que, com o perpassar dos tempos, mais vulto tomará, illuminada para o culto do Brasil.

Como romancista, nunca obedeceu ás regras da fórma dada ao romance pelos europeus; constituiu-se um traço differencial, «uma expressão victoriosa de rebeldia, uma affirmação da intelligencia virtualmente brasileira».

Alencar creou o romance de accôrdo com o nosso ambiente, preparando scenarios do Brasil, traçando opulentas paisagens de sua terra e dando, dos indios, a apresentação de figuras empolgantes.

Inspirava-se unicamente em seu paiz. Cultivando o jornalismo como um brilhante sacerdocio e a politica como a arte de bem governar os estados, foi um homem eminentemente combativo, sem curvaturas á realeza, sempre altivo e justo ante o monarcha, nas reuniões ministeriaes, sempre alheio á baixa politica.

Viveu entregue a profundos estudos; foi um dedicado á sciencia, um seguidor de Augustin Thierry —o notavel historiador francês, que affirmou que—a dedicação á sciencia valia muito mais do que a fortuna, muito mais do que a propria saúde.

Era um compenetrado da riqueza do estudo, riqueza essa que nunca se perde e sempre se accumula.

E, Srs., com esses grandes estudos a que se entregou, chegou ao sacrificio da saúde, vindo a morrer aos quarenta e oito annos, depois de verdadeiro fulgor, em 12 de Dezembro de 1877.

«*Litterarum radices amarae, fructus dulcis.*»

Como os verdadeiros sabios, que não morrem, José de Alencar permanece vivo em seus livros, nas collecções de jornaes, nos annaes do parlamento nacional.

Sua estatua é contemplada na capital da Republica e em Fortaleza; são monumentos erguidos em homenagem ao privilegiado da intelligencia.

De modo formoso, apreciava a natureza, como recordação das impressões recebidas desde a mocidade, neste sitio de seu pai, á sombra dos carnaubaes e das mangueiras, á margem da bella lagoa de sua terra, ouvindo o canto das graunas melodiosas, do recanto em que se formou o seu berço.

Honrosa para nós, os cearenses, é a homenagem que prestamos, com a qual levamos ás gerações futuras o nome do filho da aprazivel e risonha Mecejana, que. com o ter-lhe formado o berço, engrandeceu-se, dando ao Brasil uma das suas maiores intellectualidades.

* * *

DR. RIBEIRO RAMOS

Exmo. sr. governador do Estado.
Exmos. srs. generais do Exercito Brasileiro.
Exmos. srs. secretários de Estado.
Demais autoridades.
Minhas senhoras.
Meus senhores.

No esplendor desta manhã doirada, na luminosidade radiante dêste sol, que é a fonte de nossa alegria, quando a natureza restitue ao homem, na opulência das searas, a energia muscular transformada em frutos opimos, e é também a fonte de nosso infortúnio, quando exaure a última gota dagua,—que é o próprio sangue da terra; no silêncio quieto dêste sítio—um recanto amorável da gleba cearense—, diante dêste monumento centenário, sinto que a palavra não traduz a emoção que de mim se apodera. Por mais que o queira, o quadro desdobrado diante de meus olhos, na imponência de suas côres, na majestosa expressão de suas linhas, na simplicidade admirável de seu relêvo, assume tais proporções, avulta e cresce, que a moldura aquí esboçada não é digna de contê-lo. Êste lugar é um santuário. Nestas cercanias de alvinitentes areias por onde se derramam agora na

febre do povoamento êsses casebres humildes, que escondem na rusticidade de sua arquitetura o amor inquieto do caboclo, nesses vales e nessas colinas por onde a civilização vai deixando impresso o sulco de sua passagem e onde outrora estrugiu a inúbia, levando às tribus distantes a voz de comando da taba guerreira, neste lugar de tão gratas reminiscências históricas, quís a Providência escolher, no bucólico retiro do Alagadiço-Novo—o berço humilde do gênio. A natureza em tôrno é simples; não ostenta os recortes caprichosos das grandes paisagens, mas uma simplicidade tão profundamente sugestiva que a alma da gente embalada no ritmo da saüdade que nasce da solidão, como se a arrastasse a asa leve de um silfo, abstrai-se ao tumulto da hora presente e se deixa transportar a êsse período tão distante no tempo mas tão presente na exaltação de nosso patriotismo em que decorreu aqui a infância daquele que seria a mais robusta e perfeita organização de romancista do Ceará e do Brasil. A fisionomia do sítio onde Alencar brincou ao sol, onde aspirou o perfume selvagem das flôres e assistiu raiar a madrugada mergulhando numa orgia de côres o taboleiro e a montanha, ou cair as trevas da noite que sucede aos poentes alaranjados, onde viu florescer o cajueiro raquítico do litoral e sentiu embalar-lhe o pensamento a música misteriosa e suave dos carnaübais, em cujos leques se penduram ninhos afoufados de penas, para sempre ficou gravada na memória do escritor. Êle conheceu e apalpou linha por linha, com a larga visão de um predestinado, nos aspectos menos característicos e menos expressivos, o cenário que primeiro feriu seu olhar, e essa primeira impressão recebida foi-lhe a única impressão, muito embora diversos os motivos de arte ou estados dalma em que fotografou o meio e o homem, a verdade e a lenda, o litoral e o pampa, o salão requintado de luxo ou a cabana humilde e sem confôrto. Guardou por toda vida perfeitamente inalterável, perfeitamente fiel, a paisagem modesta da terra do berço, a que prestou mais tarde, num período de férias que aquí passara no aconchego da família, o tributo de seu grande amor, num poema delicioso como o favo da jatí, que lhe perpetuará a mais formosa lenda

que ainda criou a imaginação ardente do trópico. Iracema! Distanciados no tempo, mas vivendo no mesmo cenário, na tela que se esbate entre as dunas alvadias das praias ensombradas de coqueiros e a linha das montanhas que ainda azulam no horizonte, nasceram ambos e viveram, sofreram e amaram, dentro das condições da realidade e da lenda, «o criador e a criação.» Alencar e Iracema viverão no culto de nossa saüdade, enquanto no nosso coração pulsar o sangue impetuoso e aventureiro das duas raças fortes que se fundiram para um destino comum. Herdeiro da coragem indômita de seus maiores, descendente da velha raça dos lusíadas, êle próprio um lusíada também, obedecendo ao imperativo de um desígnio oculto, que tem a fôrça de um magneto, abandonando-se ao destino da onda que não tem destino, um dia cheio de sol, um dia assim, arribara às praias do Ceará a caravela do colonizador e pisara essas areias escaldantes um homem branco, vindo de longes terras. Era Martim Soares Moreno. O seu nome deveria ficar na história do Ceará, de que foi o verdadeiro colonizador, envolto numa linda aventura amorosa, sem escada de corda nem balcões enflorados, como nos amores da média idade, mas não menos poética e talvez mais sentida e mais cheia de encantos porque passada entre aconchegos de ternura, à sombra das grandes árvores, à margem dessas lagoas em que se reflete o céu aberto, o céu azul, o céu profundo, o céu do Ceará.

Atraído pela novidade, pela beleza que até então desconhecera do sítio onde aportara e do qual rezavam tradições—era áspero no clima e na hospitalidade—, vingando cômoros esmoitados, que emprestam ao nosso fácies geográfico uma expressão particular, um dia, ao pino do sol, caminhando por ínvios areais, com o pensamento talvez numa imagem distante, atônitos de surpresa, defrontam-se, em plena clareira da mata, «um jovem guerreiro cuja tez não cora o sangue americano» e a linda tabajara, de olhar negro e profundo como as noites de sua terra, de porte hierático, de talhe esguio como a palmeira da várzea.

Uma flecha embebida no sangue cristão fôra o mágico talismã desse idílio amoroso que constitue o motivo único, o motivo de arte, o enrêdo do maior

livro do grande romancista cearense. Vive a Provença enquanto viver Mistral, disse um escritor; vive, assim, o Ceará, enquanto viver Iracema, ou, antes, enquanto viver Alencar. Iracema é um símbolo. A poderosa imaginação do romancista deixara no livro cheio de lances e arroubos que fascinam, na opulência da linguagem e na suavidade do ritmo, a própria imagem do Ceará. Referindo-se ao «Iracema», em carta para um amigo daquí, assim se expressa o romancista :

«O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez dêsse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Escreví-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rêde, entre os murmúrios do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros».

Não exagera o criador de Iracema : suas palavras brotam do coração com a limpidez da água da fonte.

E quem o lê sente, ao dobrar de cada folha, examinando a alternativa da paisagem, sempre cheia de sol e movimentada, que a palhêta do artista, «embebida no favo das colmeias,» decorou os cenários com abundância de tintas e que todo o entrecho da novela reflete o meio e a vida no Ceará— o mar verde e bravío onde fulgem as velas das jangadas, o canto alegre do galo-da-campina que «ergue a pôpa escarlate fora do ninho», o flabelar dos carnaübais—palmeira esbelta da várzea que é um símbolo da resistência do homem—, o troar da inúbia guerreira, as serranias ásperas e cinzentas que circulam o horizonte, ou as lagoas tranquilas perfumadas pelas flôres de agua-pé.

Toda obra de Alencar tem um cunho de verdadeira brasilidade ou mesmo de acentuado regionalismo. Foi êle quem definiu o sentido verdadeiramente brasileiro de nossa literatura: relegou os velhos moldes de importação européa para criar o romance pròpriamente nosso, não só no sentido psicológico senão também no da técnica peculiar a êsse gênero de expressão literária.

Destarte, sua obra assinala um aspecto novo no romantismo brasileiro—o caráter de brasilidade na forma e na expressão, que após êle adquiriu a lingua portuguesa da América. Se não tem a pureza da forma, a feição clássica do trabalho esmerado, porque, quem acompanha o curso do pensamento não pode se distrair na escolha de uma expressão, tem, entretanto, para sagrá-lo o maior entre os grandes romancistas do Brasil, o dom da observação, a clarividência, a espontaneidade, a orientação artística na distribuïção das cenas e dos cenários, em que se movimentam, vivem e agem os seus personagens.

Eis um exemplo:

«O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quís deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.

O primeiro cearense ainda no berço emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?»

Num relance apanhou o escritor todo o destino da terra. A fatalidade cósmica condenou-nos aos exílios periódicos. O cearense emigra. Emigra mas leva consigo a imagem do Ceará que não esquece nunca, e retorna e volta ainda a rever a gleba querida, os campos nativos, quando sabe que os primeiros trovões retumbaram nos grotões das serras, os primeiros relâmpagos riscaram zigue-zagues de fogo na profundez dos espaços, que o céu do Ceará se tonalizou de plúmbeo e os aguaceiros do inverno ensopam a terra e que a natureza do Ceará, no esplendor do verde, canta, pela garganta de cristal dos pássaros, verdadeiros poemas à fecundidade.

E', assim, «Iracema», um livro profundamente triste porque profundamente humano.

Um canto de ternura e sofrimento que condensa todo o martírio trágico da terra e a odisseia milenar da raça!

* * *

A homenagem que ora se realiza ao ar livre,

com o testemunho dessas árvores e em vossa presença, «no terreiro amplo do Alagadiço-Novo», em Mecejana, onde tantas vezes meditara no seu infortúnio e chorara amargas saüdades «a garça viúva» de Alencar, é um acontecimento histórico, que a posteridade jamais esquecerá... Vimos render aquí, na casa em que nasceu José de Alencar, no sítio sombrio que lhe inspirou páginas imortais, o preito de nossa admiração, a nossa prece patriótica à memória do grande homem cujo nome não é só um padrão de glórias do Ceará, porque o é do Brasil.

Devemos esta iniciativa, que já tardava, ao ilustre governador da cidade de Fortalêza, Álvaro Weyne, homem probo, inteligente e trabalhador, a cujos esforços deve «a linda desposada do sol» êste aspecto de princesa que ostenta, com seus mimosos jardins e praças arborizadas. Pela segunda vez chamado a dirigir êsse importante órgão da administração do Estado, colocando-se acima do maquiavelismo político em moda no País, e que tão só abastarda e avilta, imprimiu segura orientação ao seu govêrno, e pode estar tranquilo porque será sempre lembrado na gratidão do povo de sua terra.

Adquirindo esta casa histórica, que deve de agora por diante ser guardada como uma relíquia, acaba de incorporá-la ao patrimônio do estado do Ceará, ao mesmo passo que oferece aos que o sucederem um grande exemplo de patriotismo. O culto dos grandes feitos da pátria é uma religião. Saibam praticá-lo os responsáveis pelo nosso destino, educando o povo à maneira dos gregos, no respeito às cousas sagradas do passado.

Cabe-me, senhor governador da cidade de Fortaleza, em nome do Museu e Arquivo Público do Estado, e do Instituto do Ceará, egrégia sociedade de letras, de projeção em todos os centros cultos do mundo, e que tão mal represento, agradecer-vos a honra com que nos distinguistes, fazendo desta festa, que deveria ser vossa, porque a promovestes, uma festa do Instituto.

Tenho dito.